

**Universidade Estadual de Campinas**  
**Instituto de Filosofia e Ciências Humanas**  
**Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social**

Disciplina de Leituras Dirigidas

*Israel Imaginária: política, religião e nacionalismos*

*Professores*

Rodrigo Toniol (Unicamp), Michel Gherman (UFF) e Omar Ribeiro Thomaz (Unicamp)

*Período*

Os encontros serão quinzenais, sempre na **segunda-feira, das 10h às 12h**. As atividades terão início no dia **21/09/2020**

*Dinâmica*

O curso é aberto a estudantes do PPGAS/Unicamp e de outras universidades. Para estudantes externos é necessário enviar uma carta de apresentação para o email [rodrigo.toniol@gmail.com](mailto:rodrigo.toniol@gmail.com) até o dia **16/09**.

Em cada encontro discutiremos textos selecionados e/ou debateremos com convidados especialistas no tema. As aulas serão majoritariamente em português e ocasionalmente em inglês, dependendo da presença de convidados estrangeiros.

*Proposta*

O debate sobre a construção da imagem do judeu na modernidade europeia não é um tema novo. Desde as reflexões propostas por Hannah Arendt até os conceitos de Zygmunt Baumann, que propõe que o judeu funcione como uma espécie de prisma (que contém as cores que o lhe observador impõe) da cultura europeia, são muitos os autores que lidam com noções de um judeu imaginário na história no século XX. Estudos de Nelson Vieira e Bernardo Sorj também discutem a construção da imagem do judeu no contexto específico do Brasil. Entretanto, foi o filósofo Allain Finkielkraut, já em fins do século XX, que desenvolveu propriamente o conceito de “Judeu Imaginário”.

A proposta de Finkielkraut tem como ponto de partida a percepção de que à direita e à esquerda “o judeu” ocupa um lugar central na identidade social e política da Europa. Apropriando-se das reflexões de Benedict Anderson, o filósofo sugere que esse “judeu imaginário” está completamente divorciado da experiência histórica do judeu e que sua emergência está atrelada à consolidação de um modelo, seguido por diversos grupos, para demandar políticas específicas de reconhecimento. Finkielkraut também percebe o uso de Israel como espécie de continuação do judeu imaginário. Nesse caso, a “Israel Imaginária”, que

tem pouca relação com o Estado de Israel, é o elemento sintetizador de disputas e interesses religiosos, sociais e políticos.

No Brasil dos 2000, percebemos que a Israel imaginária também funciona como referência política de diversos grupos que atuam no complexo contexto social do país. Grupos de direita e de esquerda servem-se, cada um a sua maneira, desta perspectiva para intervir em suas respectivas agendas. Nossa proposta nesse curso é discutir justamente os processos de construção da Israel imaginária no contexto da Política contemporânea brasileira. Grupos diversos têm usado Israel, incorporando inclusive símbolos e marcas de Israel e dos judeus em suas manifestações.

Neste curso exploraremos essa bibliografia mencionada e outros textos de historiadores, filósofos e cientistas sociais. Como material de apoio também mobilizaremos ensaios e textos publicados na imprensa brasileira. Abordar a Israel imaginária é o caminho a partir do qual exploraremos, a um só tempo, a política contemporânea brasileira e o uso político de Israel como um traço que conecta o Brasil a outras partes do mundo em que esse uso também ocorre.